Missões
Revista de Ciências Humanas e Sociais

AS RAÍZES MISSIONEIRAS DA QUARTA COLÔNIA: RECUPERANDO O PASSADO COLONIAL

LAS RAÍCES MISIONERAS DE LA CUARTA COLONIA: RECUPERANDO EL PASADO COLONIAL

THE MISSIONARY ROOTS OF THE FOURTH COLONY: RECOVERING THE COLONIAL PAST

Recebido em: 06/10/2025
Aceito em: 09/10/2025
Publicado em: 02/07/2026

Tiago Luiz Janner[1]
Universidade Federal de Santa Maria

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos[2]
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo: Tem-se por finalidade neste artigo, fazer uma revisão da historiografia na região da Quarta Colônia/RS. Com essa ação busca-se identificar referências da presença missioneira no atual território. Este é o objetivo que pretendemos alcançar, reescrevendo o passado deste espaço, considerando a Quarta Colônia como área de atuação jesuítica, analisando textos, mapas, livros, documentos. Após breve análise dos históricos da Quarta Colônia, verificou-se praticamente a inexistência da temática missioneira na região. Tal processo pode ser entendido como uma "borracha", apagando a presença espanhola e de outros povos, aqui presentes muito anterior a imigração europeia. O patrimônio cultural está diretamente ligado a pesquisa, uma vez que é parte integrante na formação da identidade do local. Percebe-se que a historiografia publicada e o senso comum do lugar, tendem a supervalorizar a germanidade e italianidade suprimindo demais identidades culturais. Justificamos este artigo, pois como educadores trabalhamos com a história do RS e regional, na qual se percebe a dificuldade de compreensão da temática das missões.

Palavras-Chave: Patrimônio Cultural; Identidade; Quarta Colônia; Missões.

Resumen: El propósito de este artículo es revisar la historiografía de la región de Cuarta Colônia/RS. A través de esta acción, busco identificar referencias a la presencia misionera en el territorio actual. Este es el objetivo que queremos alcanzar, reescribiendo el pasado de este espacio, considerando la Cuarta Colônia como un área de actividad jesuita, mediante el análisis de las historias de la Cuarta Colônia, el tema misionero era prácticamente inexistente en la región. Este proceso puede entenderse como una "borradora", borrando la presencia española y la de otros pueblos, presentes aqui mucho antes de la inmigración europea. El patrimonio cultural está directamente vinculado a la investigación, ya que es parte integral de la formación de la identidad local. Es notable que la historiografía publicada y el sentido común del lugar tienden a sobrevalorar la herencia alemana e italiana, suprimiendo otras identidades culturales. Justificamos este artículo porque, como educadores, trabajamos con la historia de RS y la región, en la que se percebe la dificultad de compreender el tema de las misiones.

Palabras clave: Patrimonio cultural; identidade; Cuarta Colonia; Misiones.

---

[1] Mestre em Patrimônio Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM.

[2] Graduado e Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, USP. Professor Titular da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. Docente nos programas de pós-graduação: Mestrados Profissionais em Patrimônio Cultural e Ensino de História, Mestrado e Doutorado em História, Mestrado Profissional em Ensino de História. Coordenador do Mestrado do Ensino de História em Rede (PROFHISTÒRIA), UFSM. Orcid.org/0000-0003-1325-1573.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Abstract: The purpose of this article is to review the historiography in the region of Quarta Colônia/RS. This action seeks to identify references to the missionary presence in the current territory. This is the objective I intend to achieve, rewriting the past of this space, considering the Quarta Colônia as an area of Jesuit activity, analyzing texts, maps, books, documents. After a brief analysis of the history of the Fourth Colony, it was verified that there was practically no missionary theme in the region. This process can be understood as an "eraser", erasing the presence of Spain and other peoples, present here long before European immigration. Cultural heritage is directly linked to research, as it is an integral part in forming the identity of the place. It is clear that published historiography and the common sense of the place tend to overvalue Germanness and Italianness, suppressing other cultural identities. I justify this article, because as an educator I work with the history of RS and the region, in which we can see the difficulty in understanding the theme of missions.

Keywords: Cultural Heritage; Identity; Fourth Colony; Missions.

INTRODUÇÃO

Este artigo buscou recuperar parte da história da Quarta Colônia antes de ela ser conhecida como, considerando o pioneirismo da ocupação do território pelo projeto jesuíta-Guarani. A Quarta Colônia, consiste no território central do Estado do RS, abrangendo nove municípios: Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Sêca, São João do Polêsine e Silveira Martins. Como objetivo tem-se por finalidade fazer uma revisão da historiografia da Quarta Colônia, com essa ação busca-se identificar referências da presença missioneira no atual território regional.

O problema elencado foi de reescrever parte do passado da Quarta Colônia, sendo uma área de atuação jesuítica com o protagonismo de povos originários, contrapondo a historiografia e a difusão da história oficial, com a quase que totalidade da inexistência da abordagem da temática missioneira na região.

A pesquisa abrangeu um estudo documental e bibliográfico, com análise e leitura de vários registros, como: livros, plataformas digitais, periódicos, artigos, documentos norteadores escolares, acervo de mapas, registros do pesquisador, a fim de identificar e analisar as informações pertinentes de interesse ao estudo e constituir o referencial teórico. Os procedimentos metodológicos estão embasados na análise de fontes primárias e secundárias.

Deste modo, a metodologia utilizada foi centrada na pesquisa bibliográfica e revisão da literatura acerca da presença missioneira no território da Quarta Colônia. Por conseguinte, busca-se averiguar quais materiais bibliográficos abordam o período jesuítico e suas raízes missioneiras na Quarta Colônia, dialogando com o patrimônio da região e sua Identidade Cultural.

O CONCEITO DE PATRIMÔNIO E PATRIMÔNIO CULTURAL

Por Patrimônio entende-se que é tudo aquilo que for relevante para uma comunidade e devidamente reconhecido por órgãos competentes, que além do reconhecimento, preservam e

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

valorizam os bens culturais existentes no determinado território, respondendo a interesses e juízos de valor para determinado tempo.

Segundo Prats, "el patrimonio cultural es una invención y una construcción social" (Prats, 1998, p. 63), e isto pode provocar em muitos casos a exclusão de determinadas minorias culturais, prejudicando a formação e até o desenvolvimento uniforme de um território.

Contextualiza-se Patrimônio Cultural como: "(...) *patrimonium* como herança, algo herdado, tendo etimologicamente o termo *patere*, ou herança paterna, como referência etimológica" (Ribeiro, 2010, p. 20), tal definição da origem e seus legados acabam por excluir, uma vez que a memória e a contagem da história são seletivas.

Danilo Silva, faz uma reflexão partindo de Prats, sobre a "legitimação" por discurso das "ideologias", ponderando que:

> Prats (1998) considera que, em seu processo de construção, a acepção contemporânea de patrimônio cultural não difere de outros processos de representação e legitimação simbólica das ideologias: a legitimação de referentes simbólicos a partir de fontes de autoridade (ou de sacralidade) extraculturais, essenciais. (Silva, 2019, p. 6)

Pertinente para esta construção de referências para apreciação da Quarta Colônia é o trabalho de Danilo Silva quando analisa uma sociedade pautada pela imigração europeia, no caso pomerana, assim caracterizada:

> No contexto da Serra dos Tapes, exemplos de tais processos legitimatórios ideológicos do patrimônio cultural pomerano são a ideologia do germanismo conferido pela academia à igreja, à escola e ao comércio, a positivação contemporânea da identidade pomerana por parte do poder público e também da academia, mas delatada em reflexões acadêmicas, e os revivals alemão e pomerano promovidos pelo poder público com apelo turístico e comercial (Silva, 2019, p. 6).

Portanto, além de conceituar Patrimônio pode-se definir que a identidade está atrelada ao mesmo, pois "quando se fala de patrimônio, para além da origem jurídica do termo, o sentido evocado é o da permanência do passado, a necessidade de resguardar algo significativo no campo das identidades, do desaparecimento" (Mazzucchi, 2006, p. 1).

Neste contexto, a valorização dos saberes e fazer sem dúvida são extremamente relevantes, pois fornecem pistas à ciência, vindo a contribuir para a historiografia de uma temática e a construção de Patrimônios em especial o cultural, oferecendo novas visões e identificação das raízes de um território. Lisboa Filho e Nunes (2021, p. 171) afirmam que:

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

> Atuar com o patrimônio cultural é essencial para que exista um outro modo de ver e identificar suas próprias raízes. O principal ponto não é a negação das representações, mas sim a identificação do que é encarado como um passado comum, mas também a celebração da diversidade e das características únicas de cada povo e a recuperação de seu próprio repertório cultural.

Quanto à importância da educação patrimonial ela é destacada como um elemento que vem "fortalecer os vínculos tanto entre os próprios indivíduos quanto com o local onde vivem." É um ponto de equilíbrio de um grupo ou território, sendo muito importante dentro de um Geoparque, como é a Quarta Colônia. Principalmente quanto ao sentimento de pertencimento dos grupos sociais a um determinado local.

A educação patrimonial deve ser vista como um elemento de construção cultural, de auxiliar também no processo pedagógico, pois provoca nos estudantes a reconhecer a sua história, procurando valorizar e preservar o que cada local tem de referências.

Portanto, o Patrimônio Cultural está diretamente ligado ao tema de pesquisa, uma vez que é parte integrante na formação da identidade do local. Percebe-se que a historiografia publicada e o senso comum do lugar, tende a supervalorizar a germanidade e a italianidade, suprimindo demais identidades culturais, como a indígena missioneira, inclusive por parte da escrita da história dita oficial.

Assim sendo, é preciso destacar que os primeiros colonizadores nesta parte do "Novo Mundo" foram os jesuítas espanhóis, com fundações de reduções do primeiro ciclo missioneiro ainda no século XVII e as estâncias em um segundo momento, em seguida chegam os portugueses com o trabalho compulsório de africanos e por último os imigrantes, germânicos e italianos, em sua maioria.

Esta complexa rede de diferentes povos, aliada a caracterização identitária na pós-modernidade, influenciada ainda pela globalização, faz com que se revise a bibliografia acadêmica sobre a região quanto a sua Identidade Cultural.

A dissertação de Cesar Barichello (2010, p. 32), revela a Identidade Cultural da Quarta Colônia como algo que os imigrados no momento de chegada a América não se reconheciam como italianos, "a unificação que ocorreu em 1870 não foi suficiente para fazer o italiano e, na ocasião, Cavor afirmou no seu discurso "Abbiamo falo I'talia adesso dobbiamo fare I'taliano" ('Fizemos a Itália agora devemos fazer o italiano')."

Para Barichello (2010, p. 39), "As táticas de negociação de identidade dos imigrantes italianos da região de Silveira Martins constituíram em buscar construir espaços próprios de sociabilidade que os representassem perante os *seus* e os *outros*".

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Está dualidade, "nós" e os "outros", pautada na diferença é tratada como uma negociação para formação da identidade, constituindo um diálogo com outras culturas: "Os imigrantes negociaram com as etnias já estabelecidas, dialogaram com várias culturas, aprenderam a conviver com as etnias italianas e entre os "italianos" e as etnias já enraizadas em solo brasileiro" (Barichello, 2010, p. 96).

No entanto, a presença de outras culturas na região antes dos imigrantes, cria um certo esquecimento das minorias e uma tentativa de apagar a construção feita. Contextualizando de uma forma ampla, segundo Quevedo (2009, p. 1):

> Na medida em que os conquistadores luso-brasileiros foram incorporando esta região à América Portuguesa, a partir de seus diversos acampamentos militares, foram meticulosamente construindo uma história que nega os diversos vestígios da dominação da Coroa de Espanha no local. Naturalmente que, cada povo que domina procura apagar a memória e os registros históricos daquele que o antecedeu, todavia, os sinais, os emblemas, os signos, os rastros do anterior podem ser percebidos nas mais variadas formas.

A citação do professor Quevedo (2009, p. 2), faz referência ao caso de Santa Maria, cidade que abrangia parte do território da Quarta Colônia:

> Assim, a localidade foi palco desse espetacular movimento de "vai e vem" peculiar de fronteiras em (des)construção. Nesse processo, a herança missioneira só pode ser percebida muito mais como um sistema simbólico historicamente constituído de toda e qualquer atividade e pensamentos humanos. Nesse caso, a representação que a sociedade santa-mariense construiu sobre o seu passado, logo passou a constituir o imaginário social e coletivo, criando uma imagem do passado, muitas vezes estereotipada e indiferente às singularidades de grupo que a constituiu em cada circunstância específica.

O exemplo de Santa Maria e a "construção" ou "desconstrução" de fronteiras, e a real história da presença missioneira no território da cidade "Coração do Rio Grande", nos instiga a verificar a possibilidade de a Quarta Colônia também ter sido palco da presença missioneira e com resquícios da circulação de jesuítas e povos originários participantes do projeto.

Toda esta diversidade foi formando a tradição cultural do seu povo, criando identidades comuns e que muitas vezes são conflitantes. Dentre muitos espaços sociais, a identidade da Quarta Colônia, reflete-se muito na forma de contar e valorizar a história, na gastronomia, aparecendo no cotidiano das famílias e também em grandes festas populares regionais como por exemplo.

Varine (2012) aponta que o processo de exaltação de determinadas identidades constrói um seleto patrimônio a estar disposto nos espaços museológicos, afirmando que "as coleções

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

do museu fazem parte do patrimônio da classe dirigente, que produz e possui a cultura dominante". Este diálogo com Ramos (2004) mostra como a escolha da elite constrói uma cultura local a partir do patrimônio, fazendo exclusões de culturas dominadas.

Destaco a posição dos autores quanto à diversidade cultural, pois estas múltiplas representações são benéficas. Entendo que devemos celebrar essas diferenças entre povos, uma vez que a troca de experiências e conhecimentos populares faz com que se cresça individualmente ou um território como um todo, no caso a Quarta Colônia.

A Identidade Cultural nos identifica quem somos, o que somos, isto faz com que um povo se reconheça enquanto agrupamento cultural. Porém, no atual momento da história está identidade é muito maleável e em constante processo de construção, sendo híbrida, diversa. De acordo com Hall (2006, p. 12):

> O próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático". Esse processo produz o sujeito pós-moderno, contextualizado como não tendo identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Definir uma única Identidade Cultural específica se torna muito complexo, pois depende do momento e das particularidades de construção histórica de cada sociedade. Baumam (2005, p. 180) contextualiza sobre identidade que:

> O pertencimento e a identidade não tem solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o "pertencimento" quanto para a "identidade".

As considerações citadas por Baumam, reforçam a ideia de que as identidades são "flutuantes". Assim, o mundo globalizado pós-moderno contribui para que as identidades se tornem fragmentadas, o que Hall (2003) define como "deslocamento" ou "descentração" do sujeito. Sobre o processo imigratório, Silva (2003, p. 4) destaca que:

> Os essencialistas "entendem que a cultura é algo que pode ser carregado na bagagem como um conjunto de valores e tradições monolíticas reproduzíveis em qualquer espaço-tempo". Este é um fato marcante entre comunidades descendentes de imigrantes europeus, uma vez que tendem a procurar "imitar" reproduzindo o que existe nos países de origem dos migrantes.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

O principal fator desta complexidade indenitária sem dúvida é a globalização que transporta diversos aspectos culturais por todas as comunidades, gerando um sujeito "pós-moderno". Essa construção Silva (2003), assim descreve:

> No entanto, a ideia de identidade, a partir de uma matriz essencialista, legitima narrativas, pois cria condições para resistência às mudanças sociais, ou seja, justificam uma objetividade identitária através da etnia, herança histórica ou genealógica.

Segundo Hall (2000, p. 108), "as identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter certa correspondência". Neste processo construtivo elas não são "simplesmente definidas, elas são impostas" (Silva, 2003).

Este produto da "diferença" vindo do processo identitário, joga para outra questão que é apontada por Baumam (1998, p. 16):

> Que a pureza pode ser definida através de uma situação de ordem, isto é, cada coisa dever estar no justo lugar e em nenhum outro, "a cada época e cada cultura se tem um certo modelo de pureza e um certo padrão ideal a serem mantidos intactos e incólumes às disparidades".

Completando os conceitos, a diferença pode ser considerada como "um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença" (Silva, 2003, p. 76).

Segundo Silva (2003, p. 5), afirma que as identidades não são entidades ou dados objetivos, "é na dinâmica da hybris que podemos apreender o fenômeno identitário e não na pureza ou na herança". De acordo com Silva (2003, p. 8):

> As identidades são construções híbridas. Seja àquela constituída na esfera do Estado-nação, constituidora da chamada "comunidade imaginada", seja as identidades hoje consideradas em crise em função do processo póscolonial e o embaralhamento simbólicos das antiga comunidades imaginadas pela pressão infatigável das narrativas identitárias dos chamados outros, os oriundos das antigas colônias ou mesmo das minorias que adquiriram direito a voz no universo público da res-pública.

Para o Professor Mozart da Silva (2003, p. 82), "a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir, "o que somos" e o que "não somos". Seguindo esta linha de raciocínio, o autor afirma que questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam. Neste sentido Silva (2003, p. 10):

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

> A identidade cultural concebida a partir de uma visão essencialista evidentemente não percebe que a condição da criação, desenvolvimento e enriquecimento cultural está na sua possibilidade de transformação constante, na sua negação a fixação. A identidade cultural é o resultado constante de suas relações com a diversidade. Não há identidade que não seja híbrida. Este foi o sonho do segregacionismo. O neo-comunitarismo contemporâneo vem justamente se apropriar de um discurso da pureza para promover a demonização dos outros. Negar a diferença e promover a exclusão.

Percebe-se a Identidade Cultural não pode ser usada no singular, pois temos diversas identidades. É inegável que a Quarta Colônia tem forte influência da imigração europeia principalmente de germânicos e italianos, mas também pode e deve ser considerada a presença de povos originários na ocupação do território. As pistas de referências estão nos rostos, na geografia, nos textos, cabe identificar verificando esta presença em mapas de época, relatos, escritos.

O PROJETO JESUÍTA MISSIONEIRO E A PRESENÇA NA QUARTA COLÔNIA

A origem do projeto missioneiro teve um objetivo da Igreja, a catequese de indígenas e o outro foi o intuito político de ocupação do espaço por parte do Reino da Espanha, em função da partilha de terras com Portugal (Dalcim, 2017).

A Ordem dos Jesuítas, criou em 1604 a Província Jesuíta do Paraguai com sede no atual país, de onde se expandiu para a Argentina, Uruguai e Brasil, aqui chegando em 1626 (primeira redução no RS), que entre desafios e apoios floresceu o movimento, tendo grande expansão (Venturini, 2021).

Inúmeras reduções foram criadas ao longo do século XVII e XVIII, mostrando um claro crescimento em todas as áreas. O que é hoje o Paraná até Rio Grande do Sul, foi usado para este desenvolvimento, chegando ao número de aproximadamente de 60 reduções, muitas das quais foram dizimadas pelo ataque dos Bandeirantes (Santos, 2022).

A expansão das áreas ocupadas pelas “missões-indígenas” foram muito mais amplas do que o entendimento tradicional de apenas “7 povos” enraizados apenas no noroeste gaúcho. O que foi construído por jesuítas e os Guarani foi muito mais amplo, prova disso é que se espraiou por praticamente todo nosso estado gaúcho, com as reduções, espaços “urbanos”, ou as estâncias de criação de gado e ervais, espaços “interioranos” (Oliveira, 2020).

Dito isto, é preciso considerar que sem o protagonismo dos povos originários, em especial aos guaranis - pois sabe-se da presença de outras etnias junto as reduções jesuítas (Silva, 2022) - não teria êxito o projeto reducional imposto pelo europeu. Os nativos desta região eram quem conheciam a flora e a fauna, com toda sua diversidade, com a botânica que

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

implicava em alimentos possíveis de serem consumidos pelos humanos (Barcelos; Neumann, 2022). A importância do Guarani como conhecedor de práticas agrícolas para seu sustento e desenvolvimento, muito antes do contato com o branco europeu, foi fundamental neste encontro de culturas (Venturini, 2021).

O resultando foi na ocupação ordenada deste espaço da América do Sul, isto é, "lugares onde os Guarani tiveram um protagonismo notável", (Paz, 2022, p.10). No entanto, tudo isso não bastou. Os processos de exclusão que viriam nos séculos posteriores aos dos primeiros contatos continuaria agressivo e opressor. O papel "secundário" na sociedade sempre foi evidente, o que traria marcas e deixaria pistas de sua presença na sociedade (Santos; Perius, 2018).

A área de litígio entre Portugal e Espanha por muito tempo foi o que hoje conhecemos por Quarta Colônia. Um território extremamente importante e disputado pelas potências europeias, por Portugal ora enviando soldados, ora incentivando bandeirantes. Já a Espanha contava com a defesa de seus súditos missioneiros indígenas, que além de defender o reino, também lutavam por seus interesses (Quevedo, 1993).

A Quarta Colônia foi uma área de "choque" entre as duas principais potências coloniais do século XVI ao XVIII. Isto porque o Jacuí (rio que corta a Quarta Colônia) foi a "fronteira" por um período de tempo que delimitava os avanços e recuos da ocupação de cada monarca europeu, e isto os mapas representam, basta ver as reduções criadas no primeiro ciclo no baixo Jacuí (Golin, 2022).

Sobre este primeiro ciclo é preciso mencionar que foram criadas de dezoito reduções, durando aproximadamente quinze anos no RS. Suas construções especialmente de madeira, palha, barro não nos deixaram evidencias precisas, pois com o ataque de bandeirantes paulistas à procura de indígenas para a escravidão, acabaram por destruir as construções, provocando a fuga para o lado ocidental do Rio Uruguai dos primeiros reduzidos ou até mesmo o retorno as matas com seus costumes ancestrais (Silva, 2022).

O Rio Jacuí (médio/baixo Jacuí) foi a "fronteira" de encontro e embates entre estes dois mundos. Entre desacertos e acordos, existiu momentos em que portugueses e caciques guaranis, fizeram acordos de cedência de espaço, como por exemplo quando os lusos iniciam suas estâncias entre o atual município de Rio Pardo e o Rio Jacuí, enquanto os missioneiros na margem esquerda do Jacuí (Quarta Colônia) mantinham uma vigilância frequente (Golin, 2015). Ou seja, a circulação missioneira pela Quarta Colônia era frequente, importante e

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

necessária. Essa "patrulha" constante por parte de missioneiros é o que o Professor Julio Quevedo (1993), destaca como "a expansão do projeto margeando o Rio Jacuí em direção ao Oceano Atlântico".

Já no segundo ciclo missioneiro pelo estado gaúcho, surgiram os espaços "não urbanos": as áreas de ervais, áreas de caça, coleta, de circulação, de caminhos, matas de extração de produtos e materiais, mas principalmente as áreas de criação de gado, as estâncias, o território do RS foram amplamente ocupados. E é neste contexto que também se insere a região que conhecemos atualmente como Quarta Colônia. Este ambiente foi parte importante do que se chamou de estâncias para coleta dos produtos citados acima, sendo a do povo de São Luís a primeira a solicitar - e ter cedência -, aumentando assim a "fronteira" e domínios dos missioneiros para os rios do Jacuí (baixo) e Vacacaí, no local de encontro destes cursos de água (Golin, 2022).

O gado das estâncias tinha papel fundamental na alimentação para os reduzidos. As estâncias contavam com estruturas de cercados, currais, capelas, casas, hortas, famílias inteiras presentes, ou seja, a responsabilidade de quem habitava era enorme com os "urbanos" missioneiros, pois as estâncias foram "alicerces das missões" (Serres, 2018).

Inúmeros nomes de riachos, córregos e em especial ao Rio Jacuí que corta a Quarta Colônia, tem origem indígena, na toponímia de morros, elevações, em nomes de comunidade pelas áreas rurais, em acidentes geográficos como a "gruta dos índios", ou até mesmo no nome de cidades como Ivorá (Venturini, 2019).

Mas, a presença também está na população atual da Quarta Colônia, está nos rostos com traços indígenas claros e evidentes. Quando se observa, uma turma de estudantes em qualquer sala de aula da região, é nítido que a ascendência de alguns é indígena, as vilas e comunidades rurais ainda se encontra muitos "gene" Guarani.

Isto, sem mencionar os diversos achados de artefatos como cerâmicas indígenas, pontas de flecha, batedores, boleadeiras, ou ainda inscrições rupestres em paredes de rochas. Muito encontra-se na região, ora por populares, agricultores ou 'aventureiros", amantes da história por deleite. Sabe-se, que este tipo de encontro e pesquisa, muitas vezes - e geralmente - atrapalha a ciência.

Obviamente, ainda se aguarda a presença de arqueólogos e suas técnicas de campo para averiguar possíveis espaços que comprovariam o uso do território da Quarta Colônia. No entanto, existem "rastros" da presença de outros grupos étnicos na região em análise, como a

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

dos Guarani ou demais povos. Evidências físicas que aqui se utilizou este espaço para ocupação de povos originários não faltam. São inúmeros sítios arqueológicos já estudados, catalogados e escavados em toda a região, comprovando a presença de povos até três mil anos antes do presente (Santi, 2009).

As evidências da presença missioneira na Quarta Colônia são esparsas e reduzidas. Quanto a existência e localização exata de uma redução do primeiro ciclo será muito difícil, pois foram efêmeras, de curta duração, dois a cinco anos e o agravante para identificar locais de existência que suas construções não eram de pedras e foram destruídas nos ataques Bandeirantes (Barcelos, 2022).

Quanto a compleição missioneira e os "rastros" deixados no território, de fato são poucos. Mas uma excelente fonte são os relatos populares que seguidamente são destacados em conversas nas comunidades. Avulto os relatos de "caminho dos jesuítas", "vala dos tropeiros", "área dos bugres", "havia uma cruz aqui antes dos imigrantes", "mapa dos jesuítas", "marco na pedra", "cruz desenhada".

Estes relatos populares, de maneira alguma devem ser ignorados, pelo contrário, são pistas para futuras pesquisas, e inclusive deste trabalho, possibilitando novas descobertas de ocupação neste território, antes do projeto imigrantista.

Importante também mencionar achados arqueológicos relevantes na Quarta Colônia, como o descoberto por Juliana Santi. Em um sítio arqueológico no município de Nova Palma foi encontrado junto a material cerâmico e lítico uma "conta de colar veneziana" (Santi, 2009, p.107). Este achado demonstra que na Quarta Colônia ocorreu, uma estreita relação de membros da Igreja Católica com indígenas, fato este comprovado pelas contas de colar encontradas, que são extremamente raras.

Procurar o passado colonial, antes da vinda dos imigrantes germânicos, italianos, ou anteriormente ao projeto português de ocupação, que tiveram por ação de apagar esta presença missioneira espanhola, é um trabalho árduo. Porém, a inserção dos missioneiros neste território da Quarta Colônia foi muito amplo e importantíssimo para o crescimento em todos os sentidos das reduções, como por exemplo para o povo de São Luís, que aqui usavam a região como sua estância (Nascimento; Schmitz, 2021)

Nisso, é importante já fazer a reflexão de como é escrita esta história. É relevante a provocação do professor Artur Barcelos, "Quem conta a história das missões?" (Barcelos, 2022,

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

p. 167). Como esta história é contada na Quarta Colônia? Esta é a provocação deste trabalho, ou pelo menos se busca alcançar.

Julgo importante também destacar que atualmente existe a presença na Quarta Colônia de uma relíquia religiosa para a Igreja Católica muito importante: um fragmento do coração do Padre Roque Gonzáles. Junto com os Padres João de Castilhos e Afonso Rodrigues, foram martirizados - segundo a Igreja - no noroeste do Estado durante o primeiro ciclo missioneiro (Nunes, 2022). Os três, "os Mártires das Missões", são considerados os primeiros santos da Igreja Católica na América e a relíquia está no mosteiro dos monges Cartuchos localizado no município de Ívora, na Quarta Colônia.

Tal relíquia, o coração do Padre Roque, está em sua maior parte no Paraguai, porém este fragmento aqui na Quarta Colônia representa para a Igreja de grande importância, entretanto praticamente não é conhecida pelos fiéis católicos do território. Fato que poderíamos abordar em outro momento, porém indagamos do porque não ser conhecido tal relíquia? Seria a "borracha" apagando a presença missioneira? Quanto a isto somente uma abordagem específica poderá responder sobre tal relíquia.

Indícios de mapas, apontam que o território da Quarta Colônia teve muito provavelmente a presença de duas reduções (Natividade e de Santa Ana). no século XVII, uma história pouco conhecida do público e até na academia.

Não se tem neste momento, a intenção de realizar um artigo mais específico sobre as reduções de Nossa Senhora de Natividade e de Santa Ana. Apesar de merecer um estudo mais aprofundado, embasado com pesquisas arqueológicas para a devida localização exata ou aproximada dos pontos de ocupação.

No entanto, o que é primordial neste estudo único na Quarta Colônia, é mostrar as "raízes missioneiras" do território, evidenciando que neste espaço foi uma área de circulação missioneira.

A seguir farei o uso de diversos mapas realizados por espanhóis, portugueses e inclusive cartografia guarani mostrando o espaço colonial de ocupação espanhola e disputa com portugueses por este território da Quarta Colônia. E aqui é preciso destacar novamente a importância dos povos originários e seu conhecimento do território também na confecção de mapas, o que facilitou, ou melhor, auxiliou no projeto jesuíta espanhol de redução dos povos americanos, assim como expressar suas demandas e interesses por parte dos Guarani suas visões

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

para o futuro e este "protagonismo" dos indígenas, é que deve ser considerado (Barcelos; Neumann, 2022).

Um importante mapa é o que destaca os 30 povos missioneiros e o máximo de extensão das suas estâncias. Produzido pelo pesquisador argentino Guillermo Furlong, este que é base para inúmeros trabalhos missioneiros em todo o Prata, ele destaca as estâncias dos povos e seus ervais. O destaque da região central do RS, onde está a Quarta Colônia, mais precisamente a oeste da marcação da estância de São Luís, que tem o Rio Jacuí (aqui descrito como "Yacuy") como referência em seu domínio.

IMAGEM 1



Fonte: (Site Grande Projeto Missões, 2024).

O próximo mapa foi utilizado na demarcação das terras no período da guerra guaranítica, feito por um demarcador (Miguel de Blasco), entre 1758/1760, marcava principalmente o caminho até as missões. No recorte do mapa tem-se na linha vermelha, o Rio Jacuí e seus afluentes na margem esquerda, muito provavelmente o rio Vacacaí e o Vacacaí Mirim e ente eles uma linha pontilhada, marcando uma estrada. Estes rios e a estrada são conhecidos na região, inclusive a via ainda é utilizada no presente, pois está situada no divisor de águas, prática comum de jesuítas e indígenas. Também tem um importante curso de água marcado acima do que seria o Vacacaí Mirim, a princípio é outro rio importante na Quarta Colônia, o Rio Soturno.

IMAGEM 2

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional



Fonte: (Site Grande Projeto Missões, 2024).

O próximo mapa é de 1759 produzido por José Custódio em tem por objetivo demonstrar o Rio Ibicuí, mas nos oferece importantes marcações na Quarta Colônia, caminho até as missões e passo de São Martinho.

IMAGEM 3



Fonte: (Site Grande Projeto Missões, 2024).

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Aqui averiguamos uma parte do mapa que interessa neste trabalho que aponta o Rio Vacacaí (“Quacacaí”) o Vacacaí Mirim (“R. Ararica”), a serra demarcada por morros, onde está a parte alta da Quarta Colônia, a estrada que vem de leste a oeste, já citada no mapa anterior e um forte afluente na margem esquerda, além de um afluente do Rio Jacuí na margem direita (algum curso de água no município de Agudo) e também duas ilhas do Jacuí. Além do passo do Jacuí, entre os municípios de Cachoeira do Sul e Restinga Sêca. Observe abaixo os destaques:

IMAGEM 4



Fonte: (Site Grande Projeto Missões, 2024).

O mapa da comissão demarcadora das divisas entre Espanha e Portugal no novo arranjo de fronteiras na América do Sul, é muito preciso quanto a acidentes geográficos na região central do RS. Mapa de José Varella y Ulloa de 1788, faz um pequena menção a Quarta Colônia, mas muito significativa quanto a geografia.

O destaque do mapa segue abaixo, em vermelho novamente o Rio Jacuí, demostrando por parte do cartógrafo um profundo conhecimento do curso de água com uma curva acentuada que ele faz ao norte, esta que é o limite territorial do atual município de Agudo. Ainda os rios Vacacaí e Mirim e um forte afluente na margem esquerda logo acima do Vacacaí Mirim, que conhece-se (provavelmente) o Rio Soturno, que passa por cinco municípios da Quarta Colônia. Mas o principal é uma elevação na margem direita do Jacuí, quase em frente ao curso de água destacado anteriormente como sendo o Soturno. Esta elevação possivelmente, é o morro Agudo.

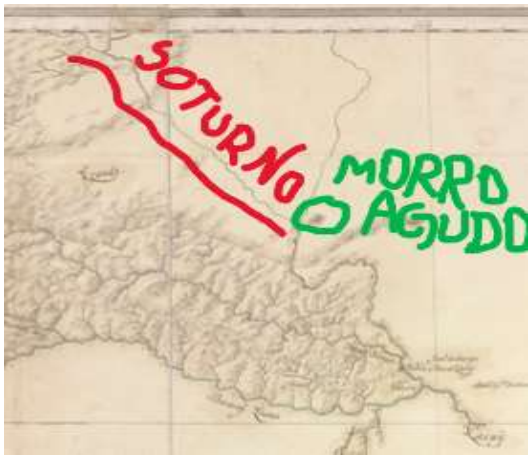
IMAGEM 5

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional



Fonte: (Site Grande Projeto Missões, 2024).

IMAGEM 6



Fonte: (Site Grande Projeto Missões, 2024).

Todos estes mapas são enriquecedores para a construção de conhecimento neste trabalho, no entanto, sem dúvida o mapa produzido pelo Padre Henis em 1756 nos adventos da Guerra Guaranítica é o principal. Requintado de detalhes, claro, objetivo, é o principal mapa para os estudos missioneiros até o presente. Descoberto recentemente pelo Professor Doutor Arthur Barcelos, apresenta um detalhe muito importante para o objetivo deste trabalho que é mostrar que a Quarta Colônia foi área missioneira. Inicialmente apresento o mapa do Padre Henis da região missioneira – Terrarum S. Michaelis Oppidi Americae Meridionalis.

IMAGEM 7

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional



Fonte: (John Carter Brown Library – Cabinet Gj755 1 ms, 1756).

Em um olhar mais aproximado pode-se perfeitamente identificar áreas que atualmente pertencem a Quarta Colônia, onde pode-se concluir que a região foi um espaço de circulação missioneira. O mapa tem como características demonstrar espaços do primeiro ciclo missioneiro, os "tetângue" que segundo Artur Barcelos (2022, p. 133), significa "local onde houve povoação" de Santa Ana e de Natividade. Como são espaços que foram ocupados a mais de cem anos antes do padre Henis produzir o mapa, baseio-me na percepação de Artur Barcelos e Eduardo Neumann (2022, p. 125):

> É de se supor que muitos desses mapas locais foram feitos pelso próprios Guarani, ou ao menos com sua estrita participação, dado que possuiam o conhecimento detalhado do território fundamental para os registros cartográficos que envolviam direitos e peitos com terceiros.

Enfatizo uma imagem recortada do mapa, o Rio jacuí em destaque, demais cursos de água conhecidos na Quarta Colônia e a elevação proeminente na margem esquerda do Jacuí, possível morro Agudo, no único município da Quarta Colônia na margem esquerda, Agudo. Abaixo, parte do mapa do Padre Henis referente ao atual território da Quarta Colônia, com os "tetângue" de Natividade, Santa Ana e elevação sendo provavelmente o morro Agudo, além da atual estrada do passo do Jacuí em Restinga Sêca.

IMAGEM 8

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional



Fonte: (John Carter Brown Library - Cabinet Gj755 1 ms, 1756).

Entre muitas evidências, de mapas, relatos, fontes e possibilidades o imaginário na população aflora fortemente, ainda mais quando não se tem vestígios físicos ou a falta do ponto exato de um fato ocorrido, como a localização precisa de reduções do primeiro ciclo.

Assim, retomamos a provocação de como é contada a história da Quarta Colônia? Quem conta? Historiadores? Pesquisadores independentes? De que forma? Omite-se a presença missioneira? Quais elementos são/foram apagados? Portanto, mais do que nunca, se faz necessário algumas considerações, sobre as "Raízes missioneiras da Quarta Colônia".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção das identidades muito se dá pelo apelo da mídia, festas populares, poder público e outras interferências sociais. A confecção de materiais oficiais de divulgação dos municípios, como convites, propagandas turísticas, chamadas nos meios de comunicação para festas, folders, históricos de uma determinada localidade, contribuem muito para homogeneização cultural. Tal território em análise, a Quarta Colônia, também traz estas características, pois representa-se em muito pela imigração europeia, esta ser a pioneira na ocupação e uso do território.

No entanto, os relatos dos saberes populares são conflitantes com a história oficial, uma vez que apontam para um passado diverso e que considera a presença de povos originários e também a missioneira, ainda que de forma não palpável e visual a um olhar rápido e pouco reflexivo.

Já a historiografia missioneira, está repleta de referências ao território que se conhece atualmente por Quarta Colônia e tem pistas que provocam um estudo e olhar mais apurado. Contudo, as evidências são amplas, o que indicam em um apontamento para afirmar que a

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Quarta Colônia foi um território de ocupação e circulação missioneira, tanto no primeiro ciclo como no segundo.

A diversidade da identidade cultural da Quarta Colônia é fundamental nesse processo de desenvolvimento regional, uma vez que ela é diversa, inclusiva. Em vista da região ser um Geoparque e que busca a possibilidade de reconhecimento permanente é fundamental para um desenvolvimento de forma holístico, reconhecendo e respeitando as diferentes culturas.

No entanto, é nítido a exclusão de outros povos que ocuparam e formaram a história e a cultura da Quarta Colônia. Baseado no princípio do "mito fundador", este que é corroborado pelos sites oficiais das prefeituras, onde mostra a imigração ser o princípio da ocupação e formação, sendo este o "nós", ficando a história do "outro" em segundo plano e com poucas referências. A história considerada verdadeira e digna de registro e exaltação, é a do imigrante europeu, uma vez que a simbologia, conteúdos escolares e sites oficiais praticamente excluem a presença do projeto jesuíta/guarani.

De outro lado, inúmeros mapas dos séculos passados, demonstram claramente um conhecimento amplo deste território. Marcações do Rio Jacuí são precisas, inclusive como seus meandros e ilhas. Os afluentes do Jacuí, tanto na margem esquerda como na direita estão presentes na cartografia. Elevações proeminentes como o morro Agudo, não passaram despercebidas, sendo visivelmente marcadas. Além de estradas - que até hoje são usadas - foram desenhadas quase quatrocentos anos atrás.

E o projeto missioneiro esteve presente, tanto no primeiro ciclo com a fundação de reduções na região da Quarta Colônia ou no segundo período baseado em um amplo e complexo sistema de criação de estâncias fundamentais em garantir o sucesso jesuíta e a inserção do gado no RS.

Referente a levantar hipóteses, o porquê da não existência da história missioneira na Quarta Colônia, pode ser pelo total desconhecimento da presença na região ou até mesmo a exclusão intencional desta ou de outras histórias e culturas. O uso de mitos fundadores, pela vertente do imigrante é notável, porém esquece-se a história anterior, em especial ao objeto de estudo deste trabalho que é a missioneira. Cabe nesta ou em pesquisas futuras analisar detalhadamente as suposições dos motivos excludentes.

REFERÊNCIAS

Barcelos, Artur H. Franco; NEUMANN, Eduardo Santos. **A razão gráfica missioneira:** escrita e cartografia indígena nas reduções da América colonial. Porto Alegre, RS: Martins, 2022.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Barcelos, Artur H. Franco. Quem conta a História das missões? As formas como o passado é interpretado. *In:* QUEVEDO, Júlio; SOARES, André (Org.). **Missões Jesuítico-indígenas:** entre sombras e luzes; passado e futuro. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro – Edigal, 2022.

Barichello, Cesar Augusto. **Patrimônio Cultural Religioso e Negociação da Identidade do Imigrante Italiano da Quarta Colônia Imperial de Silveira Martins e Região Central do Rio Grande do Sul**. 2010. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/10966/BARICHELLO%2c%20CESAR%20AUGUSTO.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 13 ago. 2021.

Bauman, Zygmunt. **Identidade:** Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Bauman. **O mal-estar da pós-modernidade.** Tradução de Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

Dalcim, Ignacio. **Fascínio e Mistério nas Ruínas das Missões.** Passo Fundo, RS: Berthier, 2017.

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social.** 6° ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Golin, Tau. **A Fronteira:** 1763-1778 - História da brava gente e miseráveis tropas de mar e terra que conquistaram o Brasil meridional. Passo Fundo, RS: Méritos, 2015, v. 3.

Golin. **A Fronteira:** Mateando – os ervais dos povos indígenas da erva-mate e do chimarrão. Passo Fundo, RS: Méritos, 2022, v. 4.

Grande Projeto Missões. **Mapas.** Disponível em: https://grandeprojetomissoes.com.br/mapas-digitalizados/. 2024. Acesso: 5 de janeiro de 2024.

Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tadeu da Silva & Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Hall. **Quem precisa da identidade?** *In:* SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis,RJ: Vozes, 2000.

Lisboa Filho, Flavi Ferreira; Nunes, Lucas da Silva. A Educação Patrimonial como estratégia de reconhecimento e valorização cultural e identitários. *In*: PADOIN, Maria Medianeira; Figueiró, Adriano; Cruz, Jorge Alberto Soares (org.). **Educação Patrimonial em territórios geoparques:** uma visão interdisciplinar na Quarta Colônia. Santa Maria, RS: FACOS – UFSM, 2021, p. 160-174.

Mazzucchi, Maria Letícia. **Patrimônio**: discutindo alguns conceitos. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 3, p. 79-88, 2006.

Nascimento, Anna Olívia do; Schimitz, Anderson Iura Amaral. **San Luis, a Missão.** Porto Alegre, RS: Martins Livreiro, 2021.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Nunes, Jefferson Aldemir. A beatificação e a canonização dos Mártires Roque González, João Del Castillo e Afonso Rodrigues. *In*: Quevedo, Júlio; Soares, André (Org.). **Missões Jesuítico-indígenas:** entre sombras e luzes; passado e futuro. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro – Edigal, 2022.

Oliveira, José Roberto de. **Relatório da guerra guaranítica (1754-1756) escrito pelos jesuítas.** Porto Alegre, RS: Martins, 2020.

Paz, Carlos Daniel de. As Missões Jesuíticas na Argentina: Luzes e sombras no futuro de um passado esquecido. *In:* Quevedo, Júlio; Soares, André (Org.). **Missões Jesuítico-indígenas:** entre sombras e luzes; passado e futuro. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro – Edigal, 2022.

Prats, Llorenç. **O conceito de património cultural.** Politica y Sociedad. Revista da Universidade Complutense. Facultad d Ciencias Politicas y Sociologia. n° 27. pp. 63-76. Madrid, 1998.

Quevedo, Julio. **As Missões:** crise e redefinição**.** São Paulo: Ática, 1993.

Quevedo. **As Origens Missioneiras de Santa Maria.** Estudos Históricos. CDHRP: 2009.

Ribeiro, Marcelo (Org.) **Olhares sobre o patrimônio Cultural:** reflexões e realidades, Porto Alegre, RS: Asterisco, 2010.

Santi, Juliana Rossato. **O passado no presente:** vestígios pré-coloniais como suporte analítico da paisagem no Vale do Soturno, RS. Tese de Doutorado. USP: 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=17&Itemid=160&id=57A5DE4581A5&lang=pt-br. Acesso em: 10 mar. 2024.

Santos, Julio Ricardo Quevedo dos; PERIUS, Eduardo. **História:** Métodos e as memórias dos povos indígenas enquanto fontes. SANTOS, Ricardo Quevedo dos; VENTURINI, Sergio (Org.). Missões Jesuítico-indígenas: antigos atores sociais, novas interpretações.

Santos, Tiara Cristina Pimentel dos. **A Estância de São Borja:** a pecuária de um povo de índios missioneiros. Passo Fundo, RS: Acervus, 2022.

Serres, Helenize Soares. **As estâncias missioneiras da Banda Oriental do Rio Uruguai.** Tese de doutorado. UNISINOS: São Leopoldo, 2018. Disponível em: https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7352. Acesso em: 10 jan. 2024.

Silva, André Luís Freitas da. Um olhar sobre as fases reducionais na Banda Oriental do rio Uruguai: perspectiva da diversidade étnica do antigo Tape. *In:* QUEVEDO, Júlio; SOARES, André (Org.). **Missões Jesuítico-indígenas:** entre sombras e luzes; passado e futuro. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro – Edigal, 2022.

Silva, Danilo Kuhn. **O conceito de patrimônio cultural de Llorenç Prats e o contexto da comunidade pomerana da Serra dos Tapes:** algumas relações possíveis. Assis, SP, v. 15, n.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

2, p. 335-373, julho-dezembro de 2019. Universidade Estadual Paulista (UNESP) – câmpus de Assis Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP).

Silva, Mozart Linhares. **Educação intercultural e pós-modernidade.** Revista Subjetividades. Fortaleza, 2003. Disponível em: https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1486. Acesso em: 06 abr. 2021.
Terrarum S. Michaelis Oppidi Americae Meridionalis - John Carter Brown Library - Cabinet Gj755 1 ms.

Varine, Hugues de. **As raízes do futuro.** O patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

Venturini, Sergio. **Encontro de dois sonhos:** Utopia e Terra Sem Mal. Porto Alegre, RS: Exclamação/ Edigal, 2021.

Venturini. **Ivorá 2018: Histórias e Memórias de uma Paróquia Centenária**. Porto Alegre, RS: Exclamação/ Edigal, 2019.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.570
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional